

Corpos, Prazeres e Paixões

Heitor Campos Bueno

Pontifícia Universidade Católica de São Paulo
São Paulo – São Paulo – Brasil
heitor.c.bueno@hotmail.com

Resenha da obra: PARKER, Richard. *Corpos, prazeres e paixões: cultura sexual no Brasil contemporâneo*. São Paulo: Best Seller. 1991.

Publicado em 1991 pelo antropólogo norte-americano Richard Guy Parker, *Corpos, Prazeres e Paixões: a cultura sexual no Brasil contemporâneo* propõe-se a analisar a complexidade da sexualidade brasileira. Usando métodos etnográficos e analisando registros históricos a luz dos pais da antropologia brasileira Gilberto Freyre e Roger Bastide, o autor demonstra as contradições existentes neste terreno.

O autor deixa claro em sua introdução que o foco de sua pesquisa é a construção histórico-social da diversidade sexual da cultura brasileira. Para ele, a percepção da experiência sexual, assim como a qualquer experiência humana, é menos o resultado de uma natureza humana imutável do que o produto de um complexo conjunto de processos sociais, culturais e históricos.

Segundo Parker, as práticas sexuais brasileiras, inseridas em um contexto social pautado pelo patriarcalismo dominado pelos dogmas da Igreja Católica, são aparentemente tradicionais e severamente limitadas. Entretanto, esta é apenas uma das muitas perspectivas possíveis do comportamento sexual no Brasil contemporâneo. Dentro do universo privado brasileiro existem múltiplas possibilidades inseridas no que chama de “domínio erótico”. Conceitos de gênero, prazeres da carne e os desejos proibidos e permitidos fazem parte desse domínio erótico que é visto “publicamente” como um campo eminentemente “privado”.

Parker esclarece que a ideologia erótica estrutura um universo alternativo de experiências sexuais que adquirem formas concretas nas próprias práticas sexuais, nas

linguagens, nas festas populares brasileiras. Dessa forma é destacada na obra, por exemplo, a socialização sexual de crianças e jovens, e as novas realidades sexuais dos adultos que vivem em um mundo em rápida mudança. Sobressaem as maneiras pelas quais as formas culturais complexas, como o carnaval, podem ser entendidos como histórias que os brasileiros dizem sobre si mesmos e sobre sua sexualidade na contemporaneidade.

Para sua análise da sexualidade brasileira o antropólogo divide sua obra em sete capítulos e dois apêndices com notas sobre suas pesquisas de campo. No segundo capítulo, a origem dos mitos de criação do povo brasileiro é trazida para o leitor através da releitura dos documentos históricos produzidos, por exemplo, por Pero Vaz de Caminha, Américo Vespúcio e Hans Staden. Para estes, o Novo Mundo podia conter características que partiam desde a “inocência”, o “natural” e o “puro” (como Adão e Eva no Jardim do Éden) até a demonização com hábitos selvagens, canibais e incestuosos. Também são analisadas as obras “*Retrato do Brasil*” de Paulo Prado e “*Casa Grande e Senzala*” de Gilberto Freire. Para o autor tais obras tendem a retratar a formação do povo brasileiro ora como uma mistura racial, ora como uma mistura cultural de brancos europeus, negros africanos e indígenas nativos.

No terceiro capítulo o autor aborda a ideologia do gênero na vida brasileira, os mecanismos sociais e culturais que são capazes de transformar o mundo de diferenças anatômicas em valores hierarquicamente relacionados, associados à masculinidade e feminilidade. Para Parker a tradição patriarcal está na origem da hierarquia de gênero no Brasil e se manifesta em diversas formas, sendo a linguagem usada para se referir ao corpo uma delas. O pênis do homem é tido como a genitália superior e forte, assim como sua função como um instrumento ligado à atividade, à violência e à violação, o que acaba por se refletir nas nomenclaturas vulgares do órgão: “pau, caralho, cacete, pica, ferro, vara”.

Já a genitália feminina, a linguagem a descreve com uma anatomia deficiente, inferior e passiva, um objeto de violência e periculosidade: “buraco, gruta, racha, boca mijada”. Assim sendo, seja na linguagem do corpo, no sistema de classificações sexuais (como exemplos os gays, lésbicas e “cornos”) ou no fluxo da vida cotidiana, o poder acaba por legitimar uma elaborada estrutura hierárquica na qual os homens se distinguem uns dos outros em termos de autoridade e domínio, ao passo que as mulheres se distinguem de acordo com a sua submissão e sujeição ao jugo (p. 104).

No seguinte capítulo, são feitos apontamentos acerca das construções formais e racionalizadas que tem estruturado as ideologias de gênero. Com questionamentos e

considerações religiosas, médicas e científicas sobre o sexo, o autor discorre sobre como a consideração desses discursos mais racionalizados, com suas inter-relações históricas, influenciaram a sexualidade brasileira chegando até a modernidade. Parker acredita que na modernidade, apesar da forte influência do catolicismo e do patriarcalismo, a sociedade brasileira voltou-se para o cientificismo moderno defendendo o debate público como necessário para se abrir novos caminhos que pudessem dar conta da “verdadeira natureza da vida sexual” brasileira. Dessa maneira surgem debates que questionam a hierarquia do sexo heteromonogâmico, colocando na pauta as práticas sexuais ditas como “normais” e “anormais”.

No quinto capítulo o autor volta-se para a discussão da ideologia erótica brasileira com seus significados e práticas que foram culturalmente codificados e que conseguem rebater as classificações hierárquicas que estruturam a moderna vida sexual brasileira. Aqui, os corpos, a excitação, os prazeres e os desejos (dentro ou fora dos padrões) são analisados pelo autor através de uma lógica estrutural de poder que afeta o que chama de ideologia erótica focada nos prazeres, reinterpretações, significações e associações ligadas ao corpo, à excitação, ao desejo e às próprias práticas sexuais.

O brazilianista argumenta que o erótico deve ser compreendido como uma construção social e cultural que está ligada às estruturas de poder que permeiam toda a experiência social. O erótico subverte as ordens de hierarquia, de distinções e diferenciações de gênero e sexualidade, tornando-se alternativa anárquica à ordem estabelecida. Para exemplificar suas argumentações de experiências eróticas que se opõem ao mundo das convenções, Parker cita o carnaval como possuidor de uma espécie de ritualização em larga escala, como um jogo transgressor de sacanagem, que desempenha um papel importante na construção dos sentidos sexuais na vida contemporânea brasileira.

No penúltimo capítulo, como meio de trazer a discussão de volta para a questão mais geral da identidade brasileira, o carnaval brasileiro toma a forma cultural de festa popular através da qual os brasileiros comentam e criticam com mais clareza seu universo sexual. Parker defende a ideia de que o carnaval brasileiro, como festa popular que precede a Quaresma Católica, parte de significados que vão além de um escape da vida árdua do cotidiano (e por isso permite transgressões das restrições da vida diária) quanto também a níveis de sentidos de “brincar” que envolvem despreocupações e perdas de responsabilidades tão ligadas ao universo infantil.

O antropólogo analisa no trecho final de seu livro a organização do carnaval brasileiro, as fantasias, as inversões de papéis e dos gêneros, os ritmos dos batuques e

das danças afro-brasileiras. Sob sua ótica, a festa do carnaval é um grande espetáculo e muito claramente utópico, ou seja, trás um modelo de mundo como ele deveria ser. No espaço da festa do carnaval há diversas contradições internas que não dispensam as estruturas opressivas do mundo real entre homens e mulheres, burgueses e povo, muito menos destroem as convenções que permeiam as teias de significados e de sistemas de poder no quais se encontram enrolados, dando aí uma identidade de povo.

Na conclusão de sua obra o autor busca reunir algumas correntes de argumentos e interpretações e oferecer, assim, pensamentos não apenas para o caso analisado brasileiro, mas também para a estruturação social e cultural dos significados sexuais de maneira geral. Dessa forma, ressalta a complexidade e a pluralidade da sociedade e da sexualidade brasileira.

Parker chega à conclusão que se tratando de comportamento sexual brasileiro existem certas ambiguidades, ou seja, dependendo do momento e da situação a ideologia do erótico, os discursos da sexualidade e o sistema hierárquico do gênero podem ser válidos para determinado indivíduo. Em outro contexto, isto pode mudar tendo um maior ou menor significado além de estar mais ou menos presente na vida das pessoas. Por fim, sem se aprofundar na discussão, são feitas considerações com relação à sexualidade brasileira bem como a disseminação do vírus da AIDS entre os anos 80 e início dos 90 no Brasil.

SOBRE O AUTOR

Heitor Campos Bueno é mestrando em História Social pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo/PUC-SP e bolsista da CAPES pelo PROSUP.

Recebido em 04/02/2014

Aceito em 30/04/2014